

ECONOMIA BRASIL

Sarney critica industriais que pregam a "desobediência civil"

por Cecília Pires
de Brasília

O presidente Sarney ocupou boa parte de seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio" para condenar o pessimismo diante da situação nacional, que diz ter sido instalado desde o primeiro dia de seu governo e indicou os empresários, entre os que pregam este estado de espírito. Sarney criticou duramente os dirigentes empresariais que pregaram a desobediência civil contra o controle do preços, dizendo que, ao defenderem a anarquia, "passam a ser aliados daquela coisa do século passado, que é aliada do Bakunin".

A gravação que foi ao ar na última sexta-feira e compara os empresários ao líder anarquista russo Mikhail Bakunin, falecido há 110 anos, foi reproduzida no programa "Voz do Brasil" da última sexta-feira. O texto, distribuído no mesmo dia, pela manhã, por intermédio da Secretaria de Imprensa e Divulgação da Presidência, não cita Bakunin e contém uma expressão amenizadora ao se referir a empresários que, "felizmente, não expressam o pensamento da classe".

O secretário de Imprensa da Presidência, Antônio Frota Neto, desmentiu que o texto distribuído tivesse sido amenizado propositalmente, alegando apenas que o presidente costuma fazer imprevistos na maioria dos textos. A crítica contra os empresários, segundo informou um assessor credenciado do Palácio do Planalto, deveu-se às declarações que algumas

Bakunin, líder anarquista

Mikhail Aleksandrovich Bakunin (1814-1876) foi o principal líder anarquista dos movimentos revolucionários ocorridos na segunda metade do século XVIII, na Europa.

De origem russa, ele percorreu vários países europeus, pregando a extinção da propriedade privada, a supressão do Estado e o exercício do poder através de assembleias populares. Partidário da violência em oposição à ação política — tinha como lema a "alegria da destruição" — deu origem ao terrorismo anarquista, praticado por alguns de seus mais próximos discípulos.

Fundador da Aliança Internacional da Democracia Social, filiada à 1ª Internacional, disputou com Karl Marx a liderança do movimento revolucionário europeu, mas acabou sendo expulso da organização. Obteve apenas o apoio

da seção espanhola, país onde o anarquismo mais conseguiu desenvolver-se, sobrevivendo por mais de setenta anos como um importante movimento político das massas populares.

Bakunin rejeitava qualquer subordinação das relações humanas a ordens econômicas e sociais, advogando uma revolução dos que "não têm nada a perder" e, particularmente, do camponado.

A bandeira anarquista provém de uma frase de Denis Diderot (1713-1784), representante do Iluminismo — "Je ne veux ni donner, ni recevoir des lois" (não quero dar e nem receber leis). Pregavam também desobediência civil os transcendentalistas norte-americanos como Henry David Thoreau, para quem "o melhor governo é o que menos governa".

lideranças, mais precisamente o presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Amato, através da imprensa, estaria pregando a desobediência civil e a remarcação dos preços por conta própria.

A irritação do presidente com dirigentes empresariais, porém, não se restringe às declarações de algumas de suas lideranças, mas a ações concretas que o governo considerou como pressões, segundo um ministro que trabalha próximo ao gabinete de Sarney. O documento enviado na última semana ao presidente e a alguns ministros e elaborado por representativas entidades empresariais paulistas foi considerado uma postura de cobrança

ao governo inadmissível para uma classe tida como conservadora.

Mais do que palavras, no entender deste ministro, os empresários irritaram o presidente quando passaram a distribuir listas de preços sem nenhum acordo com o Conselho Interministerial de Preços (CIP) ou de órgãos do governo, passando das declarações à ação.

O ressentimento do presidente, na opinião da mesma fonte, foi contra o que Sarney considerou um mau exemplo para o trabalhador, abrindo o caminho para a desorganização.

Na visão desse ministro, o que mais irritou o governo é que os empresários, ao contrário dos trabalhadores, têm maior poder de organização para conseguir

fazer valer suas aspirações.

Pressões desse tipo, no entender da mesma fonte, só caberiam aos trabalhadores, que têm maior fragilidade para impor ao governo suas reivindicações.

Para que o pacto seja efetivado, na opinião do ministro, será preciso encontrar um caminho de cooperação entre empresários e trabalhadores dentro de alguma fórmula similar ao pacto feito pelas duas classes na Costa Rica e que lá é denominado de "solidarismo". No momento em que se procuram pontos comuns entre estas duas classes, a atitude dos empresários serviu para separar ainda mais, como um divisor de águas, trabalhadores e empresários.